

Imperialismo midiático, trabalho e inteligência artificial: entrevista com Toby Miller

Jonas C. L. Valente

Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Centro Universitário IESB. Foi pesquisador de pós-doutorado no Oxford Internet Institute, responsável por co-liderar o Projeto Cloudwork na Fairwork Foundation. Concluiu o doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) (2019). Defendeu sua tese sobre plataformas digitais, recebendo menção honrosa no Prêmio de Tese da UnB. É autor do livro "Das plataformas online aos monopólios digitais" (Dialética, 2021). É co-editor-chefe da Revista Eptic.

Fabício Zanghelini

Doutor em Economia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor colaborador e pesquisador de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação Profissional em Economia da Universidade Federal de Sergipe (PROPEC/UFS), no âmbito do projeto "A Governança Econômica das Redes Digitais", com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2026/04912-4. Membro dos grupos de pesquisa NIEP-Marx, Obscom/Cepos e EPICC/CLACSO.

Farooq Sulehria

Pesquisador afiliado à Universidade de Södertörn, em Estocolmo. Ele também leciona na Beaconhouse National University, em Lahore. É autor do livro "Media Imperialism in India and Pakistan" (Routledge). Ele editou e coeditou: "75 Years After Partition: India, Pakistan and Bangladesh" (Routledge), "Media Subimperialisms and the Rise of Global South" (Palgrave Macmillan); "Pakistan's Foreign Policy and Strategic Relations in the Twenty-First Century" (Palgrave Macmillan).



Creative Commons



Atribuição



Não comercial



Compartilha igual

<https://br.creativecommons.net/licencas/>

1. Diante das transformações tecnológicas radicais, pelas quais as mídias sociais também adquiriram grande importância ao lado das mídias tradicionais, você considera que a tese do imperialismo midiático precisa ser revista? Além disso, como você compreende os novos referenciais teóricos e conceituais do imperialismo digital ou de dados em sua relação com o imperialismo midiático?

R. As concepções de imperialismo midiático têm sido objeto de revisão desde o primeiro momento, graças à criatividade efervescente, ao ativismo e à inovação acadêmica de pesquisadores como Herbert I. Schiller e Dan Schiller, Armand e Michèle Mattelart, Richard Maxwell, Burçe Celik, Joe Straubhaar, Shinjoung Yeo, Nicole Cohen, Tanner Mirrlees, Núria Almiron, Kristina Riebert, Vincent Mosco, Jeremy Tunstall, Mehdi Semati, Rune Ottosen, Joan Pedro Caraña, Oliver Boyd-Barrett, Jessica Retis, Faye Ginsburg, Leslie Regan Shade, Silvio Waisbord, John Nguyet Erni, Anthony Fung, Audrey Yue, Maria Pramaggiore, Jack Qiu, Koichi Iwabuchi, Dal Yong Jin, Daya Thussu, Catherine McKercher, John Sinclair e Michael Curtin, no Norte Global; e Farooq Sulehria, Ravi Sundaram, Néstor García Canclini, Ranjani Mazumdar, Salvador Leetoy, Alejandra Castaña Echeverri, César Bolaño, George Yúdice, Nancy Gómez, Helena Martins, María José Pantoja Peschard, Marwan Kraidy, André Dorce Ramos, Carla Pinochet Cobos, Daniel Mato, Olga Sorzano, Daniela Inés Monje e Paola Ricaurte Quijano, no Sul Global, para citar apenas alguns.

As ideias originais nasceram da resistência às desigualdades nas telecomunicações, no jornalismo e na produção audiovisual durante a década de 1970. Elas continuam sendo úteis. Os debates contemporâneos sobre imperialismo digital ou de dados frequentemente carecem de uma compreensão mais sólida da história intelectual e do ativismo, a fim de evitar a reinvenção de ideias já existentes, como ocorreu em boa parte da produção acadêmica sobre jogos digitais. É preciso voltar aos formuladores originais da tese e àqueles que posteriormente a desenvolveram e aperfeiçoaram: eles sabiam o que estavam fazendo.

2. Observamos uma virada decolonial nos estudos de mídia e de dados, na qual o colonialismo de dados é, por vezes, utilizado de forma intercambiável ou articulado ao imperialismo digital. Como você compreende as relações e as diferenças entre esses dois conceitos?

R. Considero extremamente valioso o impulso de descolonizar, mas estou cansado de ver pessoas do Norte Global, independentemente de sua origem, dando lições sobre o assunto. Fiquem em silêncio e simplesmente escutem o Sul Global; vocês não são a vanguarda. Parem com isso! Publiquem nas línguas pertinentes e vivam, trabalhem e sobrevivam com os recursos, o ativismo e a teoria do Sul Global. Depois, falem. Por ora, já basta de discursos vindos de enclaves confortáveis.

3. Você tem investigado as formas de imperialismo midiático a partir da perspectiva da Nova Divisão Internacional do Trabalho Cultural (NICL, na sigla em inglês). De que modo a NICL se diferencia, no contexto das mídias sociais e da era das plataformas digitais, daquela existente no período em que as mídias tradicionais eram praticamente a única alternativa disponível?

R. Agradeço seu interesse por esse conceito! Acho que entendo o que você quer dizer! A questão é a seguinte. No ano passado, o veículo de notícias mais acessado no Facebook foi a *China Global Television Network*, acompanhada por 125 milhões de pessoas – nenhuma delas na China, onde o Facebook é proibido. No TikTok, a Arábia Saudita conquistou o segundo maior público internacional para seu “jornalismo”, ficando atrás apenas do igualmente deplorável *Daily Mail*.

Além disso, os chamados influenciadores desempenharam um papel significativo nas eleições gerais dos Estados Unidos de 2024. Cerca de 500 deles possuem, cada um, mais de 100 mil seguidores. Em sua maioria homens, geralmente não têm formação nem experiência jornalística e desprezam a profissão. Mais de um terço dos eleitores estadunidenses com menos de 30 anos – e um quinto da população total – consulta esses influenciadores, normalmente por meio do TikTok, e os considera narradores confiáveis dos acontecimentos.

A meu ver, esses números demonstram que o trabalho em escala internacional continua sendo relevante – assim como o poder geopolítico. Enquanto isso, como foi produzido o novo filme de sucesso *The Odyssey*? Com o dinheiro de contribuintes desavisados de diversas partes do mundo, de Atenas a Sydney e de volta – e também em um território imperial “marroquino” cuja posse é objeto de controvérsia, sem o consentimento da população indígena.

Portanto, a NICL precisa ser criticada e aperfeiçoada, mas continua sendo relevante – pelo menos para mim! Ela ajuda a explicar como o trabalho opera, como os cidadãos são explorados e como os territórios são ocupados.

4. Talvez ainda seja cedo para afirmar, mas é muito provável que a inteligência artificial (IA) se torne um elemento importante em qualquer debate futuro sobre a NICL e o imperialismo midiático. Como você compreende o advento da IA em sua relação com a NICL?

R. Essa é uma questão crucial. Trabalhadores da Colômbia e das Filipinas inserem dados essenciais para sistemas de IA de empresas estadunidenses, recebendo 1,50 dólar por hora. Ao mesmo tempo, subsídios públicos concedidos em diversas partes do mundo estão entre os fatores que permitem às empresas sediadas nos Estados Unidos construir seus *data centers*, que consomem enormes quantidades de energia e esgotam os recursos hídricos. Esses dois aspectos – a busca por trabalho barato e o uso de recursos financeiros de governos incautos – estão no cerne tanto da NICL quanto da IA.

5. Embora o domínio dos Estados Unidos sobre as mídias tradicionais permaneça praticamente incontestado, apesar da ascensão das mídias dos BRICS, o país também exerce uma posição dominante no âmbito das plataformas digitais. Das plataformas de mídias sociais, como o Facebook, aos mecanismos de busca, como o Google, passando pelas plataformas de streaming, como a Netflix, pelos telefones celulares, como o iPhone, pelo hardware de computadores, como o da Apple, e pelas infraestruturas e softwares, como os da Microsoft e da Oracle, o domínio estadunidense é inquestionável. Apesar do declínio relativo decorrente da ascensão dos BRICS, como você analisa a chamada teoria “declinista”? Ou seria o caso de o poder imperial dos Estados Unidos ter diminuído relativamente nas esferas militar e econômica, mas não nos âmbitos cultural e ideológico?

R. Essa é uma questão fundamental e difícil, e acredito que vocês mesmos já a tenham respondido! No âmbito da cultura popular, a língua inglesa continua sendo central mesmo fora das culturas de predominância anglófona, embora de maneiras complexas. Ela permanece relativamente distante das classes populares em todo o mundo, mas exerce grande influência entre as classes médias e dominantes tanto do Sul quanto do Norte Global, além de haver uma ampla utilização da dublagem.

Nos planos econômico e militar, acredito que os Estados Unidos se recuperarão da insensatez republicana, como já fizeram após os sucessivos fracassos de governos desse partido – Nixon, Reagan, os Bush e, agora, o topete laranja. Enquanto o dólar continuar sendo a moeda central

das trocas internacionais, o poder dos Estados Unidos persistirá.

6. Em que medida as mídias dos BRICS constituem, de fato, um desafio à dominação e à hegemonia dos Estados Unidos e do Ocidente? Nesse contexto, é necessário discutir especialmente o papel da China. O país é frequentemente apresentado como o principal contrapeso tecnológico e geopolítico aos Estados Unidos. Até que ponto a ascensão das plataformas digitais e das infraestruturas de comunicação chinesas desafia o domínio estadunidense e ocidental no sistema global de mídia? Isso contribui para uma ordem comunicacional mais multipolar ou a assimetria estrutural entre o Norte e o Sul Global permanece, em grande medida, inalterada?

R. A China comporta-se exatamente como a França ou os Estados Unidos: como uma potência imperial desastrosa, desagradável e solipsista. Basta observar a maneira horrenda como explora os recursos naturais na América Latina. No que diz respeito às exportações culturais, as produções chinesas despertam pouco interesse fora da diáspora. Sua política em relação à inteligência artificial, contudo, é interessante e parece menos provinciana do que a posição adotada por outros blocos de poder.

Quanto aos BRICS de modo mais geral, é preciso lembrar que essa ficção/facção foi construída pelo capital financeiro do Norte Global. Há pouquíssima coordenação entre essas sociedades inteiramente distintas. China e Índia são relevantes como potências tecnológicas e como exércitos industriais de reserva, embora de maneiras completamente diferentes. O Brasil funciona de modo semelhante às demais grandes economias latino-americanas, enquanto a África do Sul é um ator relativamente pequeno. A Rússia é importante em razão de seus setores militar e extrativista.

7. Até a década de 1980, uma característica importante destacada pelos defensores da tese do imperialismo midiático era o fluxo unidirecional de informações. Com a chamada globalização da mídia, na década de 1990, os mercados nacionais de comunicação assistiram à proliferação de canais de rádio e televisão, à medida que o monopólio estatal das ondas de radiodifusão chegava definitivamente ao fim. Isso levou à provincialização dos discursos, uma vez que os canais nacionais e locais passaram a produzir conteúdos destinados a públicos específicos. O advento das mídias sociais provincializou ainda mais os debates e os conteúdos. Diante dessas mudanças, ainda podemos falar em um fluxo unidirecional de informações?

R. Mais uma vez, trata-se de uma pergunta que oferece brilhantemente sua própria resposta. Concorro com a direção do argumento, embora com uma ressalva: no caso dos principais atores nocivos – Rússia, China e Estados Unidos –, Estados e/ou corporações utilizam as chamadas mídias sociais de maneiras menos perceptíveis e explícitas do que ocorre com seus equivalentes comerciais ou de serviço público.

8. E quanto ao entretenimento – música, cinema e videogames? Ainda existe um fluxo unidirecional? A digitalização intensificou o imperialismo no campo do entretenimento?

R. A Netflix, em particular, utiliza a NICL para financiar um império internacional, tanto por meio de produções audiovisuais declaradamente locais quanto de produções globalizadas de forma dissimulada; em ambos os casos, recursos públicos provenientes dos contribuintes subsidiam Hollywood. É claro que existem, por exemplo, importantes artistas sul-coreanos e

colombianos, mas cantar em inglês, francês, árabe ou espanhol continua sendo crucial para alcançar sucesso internacional – sobretudo em inglês –, muitas vezes em associação com as antigas gravadoras. A distribuição sempre foi a chave para o sucesso, e isso não mudou.

9. A questão ambiental tem sido negligenciada. Embora tenha surgido, recentemente, um conjunto de estudos sobre o imperialismo climático, são ainda muito escassos os esforços para analisar as indústrias de mídia e comunicação a partir das questões climáticas e ambientais no Sul Global – seus próprios trabalhos, entre eles *Greening the Media*, talvez permaneçam como honrosas exceções. Alguns países, por exemplo, transformaram-se em locais de descarte de resíduos de tecnologias da informação e comunicação (TIC). Como você avalia essa questão, especialmente no que se refere aos *data centers*?

R. As Nações Unidas defenderam a interrupção da expansão dos *data centers* que sustentam a inteligência artificial, pois eles ameaçam os recursos hídricos e energéticos. Em média, essas instalações requerem cerca de 55 gigawatts de energia, 28 milhões de metros quadrados de terreno e enormes quantidades de água. Há dois anos, a chamada computação em nuvem consumia tanta energia quanto a Grã-Bretanha. A Agência Internacional de Energia prevê que, dentro de uma década, ela consumirá o equivalente à Índia.

Além disso, o frenesi da indústria tecnológica em torno dos *data centers* está extraíndo água de algumas das regiões mais secas do mundo para resfriar suas instalações. Em 2024, o Google utilizou seis trilhões de galões de água, o equivalente a um terço do abastecimento de água potável da Turquia. Entre 2020 e 2023, as emissões de CO₂ do Google cresceram 67%, e as da Microsoft, 40%, principalmente em razão dos *data centers*. Em 2024, os *data centers* consumiram tanta energia quanto a Suécia e, no próximo ano, consumirão o dobro do consumo energético da Alemanha.

O uso de água para resfriamento poderá aumentar 870% em um futuro próximo, juntamente com o uso menos direto da água para gerar energia em outros locais e para a produção de *software*. Além disso, observamos a instalação de um número cada vez maior desses centros no Chile – o mais seco de todos os países –, no México e em outras partes do Sul Global.

Quanto aos resíduos eletrônicos, agentes nocivos como Índia, Estados Unidos e China têm despejado materiais tóxicos em locais vulneráveis, onde trabalhadores do setor informal realizam atividades perigosas de reciclagem. Assim como o trabalho em geral, os impactos ambientais das tecnologias da comunicação deveriam constituir o coração pulsante dos estudos de mídia. Mas não constituem – é muito mais seguro discutir os efeitos sobre as audiências ou as características dos textos...

10. Que papel os Estados nacionais e as organizações regionais podem desempenhar no enfrentamento do poder das plataformas digitais globais? A regulação, as infraestruturas digitais públicas e as políticas de soberania de dados podem reduzir a dependência ou os governos nacionais estão cada vez mais subordinados às corporações transnacionais de tecnologia?

R. Organizações como o Fórum Econômico Mundial, o Banco Mundial, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) são promotores deploráveis da inteligência artificial, assim como muitas organizações regionais, entre elas o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a União Europeia. Quando defendem alguma forma de intervenção, é para incentivar o investimento estrangeiro e as empresas locais ou para que os Estados “protejam” as crianças.

Os governos nacionais, em contrapartida, estão mais sujeitos à pressão dos movimentos sociais – daí as moratórias bem-sucedidas em diversas partes dos Estados Unidos e as ações judiciais no Chile destinadas a conter o entusiasmo delirante dos *tech bros* pelos *data centers*. Para que nosso planeta seja protegido, as plataformas precisam ser subordinadas à soberania e ao controle democrático.